



---

## Na contramão: reflexões sobre o ensino remoto emergencial e implicações na prática docente

---

### AGAINST THE GRAIN: REFLECTIONS ON EMERGENCY REMOTE LEARNING AND IMPLICATIONS ON THE PRACTICE OF TEACHING

---

### CONTRACORRIENTE: REFLEXIONES SOBRE LA ENSEÑANZA VIRTUAL DE EMERGENCIA E SUS IMPLICACIONES EN LA PRÁCTICA DOCENTE.

---

Maria José da Silva Dias <sup>1</sup>

#### RESUMO

O ensaio tece reflexões acerca dos processos educativos escolares, incluindo aspectos relativos à formação docente e outros temas insurgentes durante a crise sanitária do novo coronavírus, nas tramas de sistemas educacionais que se amparam no viés ideológico da pedagogia tradicional, mas que convivem, de algum modo, com a relevância assumida pela pedagogia crítica. Por intermédio da articulação da permanência do racionalismo técnico naturalizado nos processos de ensino e aprendizagem adiciona-se o anúncio dos benefícios que se alcançam quando as lógicas dominantes são substituídas por ações forjadas em bases crítica e reflexiva. Nessa contextualização, discorre sobre o ensino remoto emergencial, imposto como alternativa viável à manutenção do calendário escolar de 2020, durante o período da pandemia do novo coronavírus. Contempla ainda, o trabalho docente e a maneira como foi afetado, explana alternativas à reprodução, alimentando ações que se ancoram em recursos midiáticos, especialmente as tecnologias digitais de informação e comunicação, que serviram ao fomento de um projeto educativo emancipatório.

**Palavras-chave:** Ensino remoto. Trabalho docente. Formação crítica de professores. Tecnologias digitais de informação e comunicação.

#### ABSTRACT

The article is a reflection on school education processes, including aspects related to teacher education and other insurgent themes during the health crisis of the new coronavirus within the framework of educational systems that are supported by the ideological bias of traditional pedagogy, but that coexist, somehow, with the relevance assumed by critical pedagogy. By articulating the permanence of the technical rationalism naturalized in the processes of teaching and learning, the announcement of the benefits achieved when the dominant logics are replaced by actions forged on a critical and reflexive basis is added. In this context, the article discusses

---

**Submetido em:** 31/07/2021 – **Aceito em:** 17/01/2022 – **Publicado em:** 28/04/2022

<sup>1</sup>Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP



emergency remote education, imposed as a feasible alternative to maintaining the 2020 school calendar during the period of the new coronavirus pandemic. Teaching work and the way it has been affected is also addressed, and alternatives to reproduction are explained, nurturing actions that are anchored in media resources, especially digital information and communication technologies, which have been used to promote an emancipatory educational project.

**KEYWORDS:** Remote education. Teaching work. Critical teacher education. Digital information and communication technologies.

## RESUMEN

El artículo es una reflexión sobre los procesos educativos escolares, incluyendo aspectos relacionados con la formación del profesorado y otros temas insurgentes durante la crisis sanitaria del nuevo coronavirus en el marco de sistemas educativos que se apoyan en el sesgo ideológico de la pedagogía tradicional, pero que conviven, de alguna manera, con la relevancia asumida por la pedagogía crítica. Con la articulación de la permanencia del racionalismo técnico naturalizado en los procesos de enseñanza y aprendizaje, se agrega el anuncio de los beneficios que se logran cuando las lógicas dominantes son reemplazadas por acciones forjadas sobre una base crítica y reflexiva. En este contexto, el artículo aborda la educación a distancia de emergencia, impuesta como una alternativa viable al mantenimiento del calendario escolar de 2020 durante el periodo de la nueva pandemia de coronavirus. También se aborda la labor docente y la forma en que se ha visto afectada, y se explican las alternativas a la reproducción, alimentando acciones ancladas en los recursos mediáticos, especialmente en las tecnologías digitales de la información y la comunicación, que se han utilizado para promover un proyecto educativo emancipador.

**PALABRAS CLAVE:** Educación a distancia. Trabajo docente. Formación crítica del profesorado. Tecnologías digitales de información y comunicación.

## INTRODUÇÃO

A educação escolar brasileira e o novo normal ganham espaço no debate após o início da pandemia. A escola e seus processos, a formação continuada docente e seu alcance para que as práticas escolares fossem coerentes com seu tempo histórico, e esses temas são cada vez mais importantes nos debates acadêmicos, nas pesquisas, nos congressos.

No cenário pandêmico, por meios dos recursos digitais, tais preocupações com a educação escolar e questões relativas à aprendizagem passaram a ser discutidas em plataformas digitais, através de *lives e webinars*, de forma intensa. É bem verdade que muitos dos problemas que afetam a educação básica e a permanente busca pela qualidade educativa para todos surgem com a democratização, ou seja, são antigos na área do ensino.

Quando se trata de qualidade educativa abre-se espaços para muitas digressões, defende-se a escola que permita aos educandos conhecer, questionar, refletir, produzir, criar, contribuir para uma sociedade mais justa e defender os valores democráticos. Dias (2019), ao investigar



processos formativos decorrentes da implantação do Programa Acessa Escola apresenta, em direção semelhante a de outros autores, como elementos dificultadores à inserção das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), às práticas escolares:

- ausência de estrutura nas unidades escolares;
- disponibilidade de internet de qualidade para professores e alunos;
- apoio da gestão e coordenação escolar;
- obsolescência das salas de informática;
- equipamentos insuficientes para as turmas grandes de alunos;
- dificuldade em conseguir realizar a manutenção dos equipamentos e dos materiais de apoio necessários e;
- ausência de oferta de ações formativas aos professores.

A escola, tanto não tinha todos os recursos tecnológicos necessários, quanto sequer vinha tratando de discutir estratégias para colocar a escola pública e o público escolar na contemporaneidade, muito embora, algumas ações isoladas foram realizadas nessa direção, certamente.

A educação escolar enfrentava muitas dificuldades a respeito da sua autonomia, da disponibilidade dos recursos didáticos, do reflexo da formação aligeirada de parte do corpo docente, das inúmeras questões relativas à vulnerabilidade, nas quais, parte – a maior parte – de seus alunos enfrentam, dos indicadores de qualidade educativa a serem alcançados, entre tantas outras questões, antes da necessidade de migrar para o ensino remoto.

Quando se indaga como será a escola, como será o novo normal, muito provavelmente, refere-se a uma escola em situação de devir. Ou, possivelmente, tal inquietação reflita a saudade das relações que se dão no ensino presencial e não no remoto que impôs a todos – professores e alunos – condições inéditas para muitos abarcarem situações, cujas políticas públicas, da maneira impositiva como são desenhadas, não abarcam os problemas de maneira mais realística e, dessa forma, são pouco efetivas.

## **OS PARADOXOS DA AMBIÊNCIA POLÍTICA BRASILEIRA: A DEMOCRACIA EM XEQUE**

Ser professora de História, Geografia e Sociologia, em escolas públicas e privadas da rede estadual paulista, fazia-nos defender a importância do regime democrático e, por meio dele, sobretudo, a garantia da liberdade e igualdade de direitos. Embora, lamentavelmente, em nosso país, tenhamos convivido com poucos intervalos de democracia, a experiência autoritária se



sobrepuja ao longo da história brasileira. Ainda que breves, os ventos democráticos trouxeram ganhos que parecem de pouco valor, ledô engano. As possibilidades geradas na ampliação dos direitos sociais, de espaços sociais inclusivos, aumento da mobilidade social são ganhos mais notórios quando nos vemos ameaçados pela perda deles.

Diferente do capitalismo adotado no ocidente europeu, que experienciou o Estado de Bem-Estar Social (*Welfare State*), com decisões apoiadas nas garantias de direitos sociais mais igualitários para a população, estamos mais habituados às formas acentuadas de exploração. Acrescenta-se ao cenário desigual o fato de que o Estado brasileiro sequer atuou, minimamente, na crise pandêmica, pelo contrário, convivemos com o fantasma do autoritarismo adentrando as instituições sociais, especialmente, nossas universidades. Além disso, a comunicação espalhada na tessitura social, valendo-se no discurso para tolher o que chamaram de ideologia da esquerda, foi posicionada em nome de uma equivocada neutralidade. Desse modo, e afetando negativamente o currículo, os materiais didáticos e impondo uma ideologia conservadora às práticas escolares.

Paradoxalmente, em nome dessa suposta neutralidade, o negacionismo expresso na comunicação presidencial visou afastar a importância da ciência em um momento tão crítico. E, contradizendo até mesmo as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), foi criando medidas isoladas, e incoerentes; defendendo o bom funcionamento econômico, optou-se pela falta de solidariedade com a parte mais vulnerável da população.

Desse mesmo modo incongruente, em plena situação pandêmica, justificou-se a diminuição de gastos, cujos cortes no orçamento das universidades públicas, por exemplo, ameaçaram a ciência, em um momento que se mais necessitou de investimentos em pesquisas diversas.

O que deveria ser importante se perdeu, por questões eminentemente políticas. Na cruel pedagogia do vírus, uma das lições que se destaca, refere-se à incapacidade dos governos conservadores para lidarem com a crise pandêmica, “[...]a política, que devia ser a mediadora entre as ideologias e as necessidades e aspirações dos cidadãos, tem vindo a demitir-se dessa função.”(SANTOS, p.10, 2000). Vivemos um período de total desgoverno que não garantiu políticas sociais mínimas à parte da população. Fato que expôs o quanto os sistemas neoliberais deram intensidade aos condicionantes que favoreceram o aumento da desigualdade social, revelando sistemas injustos que afetaram ainda mais os grupos já tão expostos à vulnerabilidade. São as trabalhadoras e trabalhadores sem carteira assinada, ou que exercem suas atividades na informalidade, os grupos mais afetados por condições sociais degradantes e que já experimentam um certo isolamento social, são famílias cujos filhos dependem da escola pública.



Para essa população em situação vulnerável, sem um plano de assistência em bases mais humanas, ficar em casa é se perceber subtraída de direitos sociais e recursos mínimos para o enfrentamento da covid-19. Mesmo as poucas políticas públicas lançadas, não abarcavam as reais necessidades de cada localidade. A acentuada exploração que levou à exclusão de parte da população foi crescendo na periferia das questões pós-modernas com indiferença, todavia se revelou fortemente durante a crise sanitária do novo coronavírus.

Diante de tantas ausências por parte do Estado, ainda foi preciso se dedicar para que seus filhos acompanhassem as novas demandas, com vistas a garantir que o ano letivo de 2020 fosse, minimamente, aproveitado por meio do ensino remoto emergencial, implantado através de decreto. Impondo novas atividades aos corpos docente e discente, sob as bases excludentes das diversas vozes que compõem a escola, desse modo, empobrecendo as alternativas engendradas. Na área educativa, projetos inovadores e ousados poderiam emergir, contudo em bases novas, adotando a dialogia, incorporando as diversas vozes representativas do público escolar, desse modo, certamente, ampliaria-se a assertividade nas estratégias para o ensino remoto, potencializando a tríade: forma - conteúdo - destinatário nos contextos em que estão inseridos (MARTINS apud SAVIANI e GALVÃO, 2021).

As alternativas viáveis à educação podem germinar, ainda que em solo árido e pouco fértil, marcado por determinantes históricos complexos à fecundação.

## **DIMENSÕES DA APRENDIZAGEM: A SERVIÇO DE QUEM?**

Seguindo determinações do governo estadual, as atividades não essenciais passaram a ficar em casa. Mas e os condicionantes para que se cumpra com as normativas que legitimaram o isolamento? Os recursos tecnológicos, a internet de qualidade, a manutenção dos aparelhos (computador, tablet, smartphones, impressoras e outros), aumento do consumo de energia, necessidade de sinal, conexão com boa velocidade, ambiente físico para acompanhamento das aulas virtuais, entre tantos outros que passaram a permear o cotidiano professoral. Desta vez, tanto parte do corpo docente, quanto alunos, enfrentam problemas relativos aos condicionantes materiais necessários para que a prática escolar remota fosse efetivada. Sem incluir a formação que requereu fluência digital para que se abarcasse as muitas novidades no cenário da educação proposta pelo Centro de Mídias da Educação de São Paulo (CMSP).



Políticas públicas de inclusão digital foram formuladas com vistas a promover a inclusão social nos anos 2000. A exemplo do Programa Nacional Um Computador por Aluno – PROUCA, segundo a análise realizada pelas autoras Lavinhas e Veiga (2013), ao apresentarem em sua pesquisa os impeditivos, mas também os benefícios alcançados como a doação de laptops para o uso individual a alunos da educação básica, revelam, entre vários aspectos, a importância dos dispositivos móveis para que alunos e seus familiares tivessem acesso à informática e internet, oportunizando a inclusão digital.

Antagonicamente ao que ocorreu no ensino remoto, foi frequente acompanhar muitas famílias se desdobrando para compartilhar um único dispositivo móvel, dificuldades na contratação de um plano de internet de qualidade, despesa de energia para ajudar nas atividades educativas de vários filhos, quando possível, e aprender a lidar com os APP de serviços bancários (entre eles o Caixa Tem), do e-gov (a exemplo o do SUS) entre outros usos.

Não muito diferente do relatado acima, explanando acerca do que ocorreu com professores no cenário pandêmico, esses também precisaram adquirir aparelhos celulares mais robustos, aumentar planos de internet, alterar as rotinas, adquirir fluência digital, lidar com plataformas educativas diversas e num tempo curto, realizando uma série de novas atividades ditas pedagógicas. Num misto de ansiedade, medo e exaustão, conforme apontado por Bruno, Pesce e Hoffman (2021), quando apresentam os depoimentos de professores da educação pública e privada que participaram de rodas de conversa promovidas pela Rede Interinstitucional de Ações Coletivas de Universidades do Brasil e América Latina (RIA 40TENA), os pontos destacados pelas autoras:

- precarização do trabalho docente, adensada em meio à pandemia, com professores sendo obrigados a desenvolver práticas que são totalmente desfavoráveis, do ponto de vista pedagógico e da aprendizagem;
- professores e estudantes sendo obrigados ao cumprimento de horas excessivas de trabalho e a aulas em frente às telas de dispositivos informáticos, ocasionando problemas de diversas ordens: dores de cabeça, cansaço, dores no corpo, irritabilidade, alteração de humor, perda de autoestima, problemas de visão etc.;
- professores sofrendo pressão para apropriação de conhecimentos tecnológicos sem formação docente compatível, tendo que se sujeitar à perda salarial, como condição para manutenção do vínculo empregatício;
- professores sendo obrigados a assumir despesas com equipamentos, acesso à Internet, pacotes de dados e também formação docente para ensino remoto, sem apoio ou ajuda financeira;
- estudantes sem acesso à Internet e a dispositivos tecnológicos para participação de aulas online e em condições muito desfavoráveis para alimentação e higiene em suas residências. (BRUNO, PESCE e HOFFMAN, 2021, p. 18).





O capitalismo neoliberal e suas contradições, suas formas de expropriação ampliadas também do trabalhador da área educativa e, simultaneamente, penalizando os menos favorecidos historicamente.

Algumas elucubrações nos ocorrem, e, se algumas políticas, tal como o PROUCA não fossem descontinuadas, se os elementos que dificultaram o êxito na implantação do Programa tivessem sido contornados? Caso houvesse integração das áreas do governo e dos sistemas educativos implicados, promovendo as melhorias e os ajustes necessários, possivelmente enfrentaríamos a pandemia de uma maneira menos desigual tanto escola como os atores escolares. Certamente, o trato com as inovações tecnológicas permitiria reduzir tantos desconfortos experimentados nessa era informacional. Contudo, visto que a educação não é tratada como um projeto da Nação, o que assistimos é a descontinuidade de mais uma política pública, convivendo com avanços e retrocessos.

Mediante a ausência de ofertas formativas por meio das secretarias de ensino, aliada aos poucos investimentos em recursos materiais e serviços necessários, a educação permaneceu fora de seu tempo. Freire (1984) se preocupava em colocar a educação à altura do seu tempo social e histórico. Há muito já se discutia a importância assumida pelo letramento digital para professores. Em função das dinâmicas sociais virtuais, argumenta-se em prol de uma pedagogia dos multiletramentos, como possibilidade na formação docente, para propiciar a mediação com as novas tecnologias e cultura, e, conseqüentemente, trazer a escola para a contemporaneidade, rompendo com a lógica da educação transmissiva (Rojo, 2015).

Materializando a clareza explicitada pelo patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire, quando, entre tantas conversas, que tornam evidente a sua prática dialógica com diversos interlocutores a respeito das tecnologias, com Papert indagava: [...] “a mim, importa a serviço de quem as máquinas estão. A favor de quem?” (Campos, 2013).

Defensor de uma pedagogia crítica, Freire (1979), nos permite entender a importância da formação do educador para, inclusive, a adoção de um posicionamento crítico acerca das contradições inerentes ao sistema capitalista, de modo que o seu papel na educação esteja comprometido com os mais vulneráveis e oprimidos pelo sistema. Nas suas acepções, cabe ao professor libertador ter clareza do seu papel político e atuar na proteção da democracia e dos valores democráticos. Em diálogo com Ira Shör, acerca do livre debate democrático na educação escolar, com vistas à isenção de manipulação, adverte:

[...] Isto significa aceitar a natureza diretiva da educação. Existe uma diretividade na educação que nunca lhe permite ser neutra. Temos de dizer aos alunos como pensamos



e por quê. Meu papel não é ficar em silêncio. Tenho de convencer os alunos de meu sonho, mas não conquistá-los para meus planos pessoais. Mesmo que os alunos tenham o direito de ter sonhos maus, tenho o direito de dizer que seus sonhos são maus, reacionários, capitalistas ou autoritários.” (SHOR e FREIRE, 1986, p. 96)

O professor ao escolher a defesa do ato educativo para a emancipação, recusaria a suposta neutralidade que se subjaz às instituições e práticas sociais nas quais ações e estratégias são intencionalmente formuladas para perpetuar a desigualdade.

Comprometido com os dominados, dotado de capacidade crítica e propositiva que lhe permita a reflexividade sobre a sociedade e “[...]sobre sua situação concreta, mas emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la[...]” (FREIRE, 1979, p.19). O professor progressista trabalha com vistas à promoção da transformação social. Entretanto, há embustes que permanecem naturalizados no *locus* educacional e que se fazem possível de desvelamento quando se assegura ao professor clareza acerca de:

[...]a introdução desses meios mais sofisticados no campo educacional, uma vez mais, vá trabalhar em favor dos que podem e contra os que menos podem. Por isso é que eu digo que a crítica a isso não é uma crítica técnica, mas política. (GUIMARÃES; FREIRE, 2013, p. 93)

O uso dos recursos, se apropriados de maneira crítica, permitem, ao mesmo tempo, colocar a escola no seu tempo social e histórico, como prover os processos de ensino-aprendizagem de elementos que favoreçam acesso aos bens culturais para os diversos atores escolares, aumentando o capital cultural desse público.

Visto isso, se o professor estiver convencido da neutralidade de suas ações educativas, ingenuamente estará fomentando a perpetuação da reprodução das condições discrepantes que marcam nossa história política, social e econômica.

## **FERRAMENTAS MIDIÁTICAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: ALIENAÇÃO OU INTERAÇÃO?**

A ambiência digital, bem contemporânea, já vinha sendo tratada pelo, nosso querido patrono da educação brasileira. Em conversa com Sérgio Guimarães, preocupava-se com o aumento do abismo social que os recursos tecnológicos poderiam favorecer, caso a apropriação e uso dos aparatos tecnológicos se desse nas mesmas bases. Caso não fosse almejada a ruptura com as lógicas imperiosas da dominação, à luz de um projeto educacional que, ambiciosamente,





visando a conscientização, a reflexão, as vantagens e desvantagens, entre tantas outras possibilidades que forjem um olhar crítico, capaz de levar seus usuários a entender e priorizar o que é importante, em função do volume informacional que se depara o navegante nas vias do ciberespaço.

Na contramão da sociedade, a educação escolar em plena a sociedade classificada como informacional, defendida por muitos autores tais como Lévy (1999) e Castells (1995), argumentando acerca a potencialidade comunicacional e das possibilidades de aprendizagem coletiva que podem ser realizadas nos espaços virtuais, não abraçou um projeto ousado e contínuo de formação, pelo contrário, as ações formativas do Programa ACESSA Escola, bem como o investimentos em recursos nas salas foram sendo diminuídos desde 2015. Nota-se que não houve avanços na formação docente para fomento de fluência digital crítica, as ações formativas não priorizam a temática hodierna e nem mesmo se identificou um programa abrangente para todos os professores do quadro funcional, pelo contrário, identificou-se ações destinadas a algumas disciplinas do currículo. Desse modo, torna-se mais difícil ainda imaginar que houve incentivo a outros elementos materiais e simbólicos para forjar uma cultura digital nas unidades escolares.

Freire, em diálogo reflexivo com Sérgio Guimarães a respeito das tecnologias de informação e comunicação e sua inserção nas práticas escolares, explica suas preocupações. No entanto, decorrido alguns anos, elas não foram superadas:

- Sérgio: Nesse abraço que se faz de tecnologias novas, há por vezes uma atitude ainda arcaica quanto ao uso didático-pedagógico desses novos instrumentos. Continua-se limitando o aluno à tarefa do consumo.

- Paulo: Isso! E, daí, meios tão dinâmicos de comunicação terminam por domesticar os alunos, submetendo-os a uma burocracia escolar, a uma escolástica, de novo. E aí é um desastre!” (FREIRE; GUIMARÃES, 2013, p. 39)

É notória a preocupação com a formação docente para enfrentamento de uma prática tradicional acrítica em direção à uma filosofia da práxis. Ao invés do exercício da docência, almeja-se a didascência, exercício no qual o educador aprende permanentemente com seu fazer professoral, refletindo criticamente e continuamente sobre suas ações pedagógicas implementadas.

Independentemente dos aspectos explanados, professores e alunos vivenciam, por meio de decreto do governo estadual, o ensino remoto emergencial, a partir de março de 2020. A princípio, por tempo determinado, visto que a situação pandêmica recrudescia, porém, os prazos deste ensino ancorado nas atividades virtuais foram sendo ampliados. Em meio ao luto coletivo, ações desencontradas dos três poderes executivos, negacionismo na esfera federal, falta de campanhas comunicacionais esclarecedoras, as escolas foram fechadas para os alunos.



Do tecnicismo ao neotecnicismo pedagógico<sup>2</sup> o que se pode afirmar, acerca das decisões para educação escolar remota, permaneceram a dicotomia elaboração/execução. Com um aumento de atividades novas, assistindo o distanciamento do cotidiano professoral conhecido, muitos professores se lançaram às novas aprendizagens de forma autônoma.

Contraditoriamente ao corte orçamentário imposto às universidades e às retaliações que professores e pesquisadores vivenciaram, ancorados em plataformas digitais, subverteram e ampliaram exponencialmente os encontros, congressos, cursos, rodas de conversas entre outras metodologias em que se lançaram a discutir possibilidades à educação escolar.

Neste ensaio não se fez um levantamento quantitativo das *lives e webinar*<sup>3</sup> que foram realizados, discutindo a problemática da educação escolar básica em tempos de pandemia. Nem mesmo se coletou sistematicamente como os assuntos foram tratados em suas particularidades, entretanto observou-se as imbricações do ensino virtual em tempos de pandemia num viés crítico e reflexivo e as discussões profícuas que se teceram em torno de tal problemática. Os professores participantes desses encontros virtuais e síncronos demonstravam afeição pela capacitação, e buscavam propostas inovadoras para atenuar os impactos do distanciamento social decorrentes da suspensão do ensino presencial. Professores que ousadamente romperam com as condições determinadas pelos sistemas educativos, se lançaram a discutir possibilidades. Nas “falas” de professores da educação básica de todas as regiões do país, quer com facilidade e até mesmo com dificuldade de acesso à internet, são evidentes os interesses por letramento e multiletramentos, por metodologias e práticas para o uso mais efetivo das inovações digitais. Evidenciou-se no período colonizado pela pandemia da covid-19, de encontro à racionalidade técnica reinante, ousadia e esforços de professores para entender dos recursos midiáticos, discutir os possíveis usos, compartilhar projetos educativos e formas para integrar as ferramentas tecnológicas e, sobretudo, buscar estratégias para manutenção do afetivo vínculo com seus alunos.

A preocupação acerca de maneiras que permitissem humanizar as relações entre professor e aluno através das interfaces digitais se multiplicou, até porque, é do conhecimento do corpo docente a precariedade dos recursos tecnológicos de seus educandos.

---

<sup>2</sup>Neotecnicismo pedagógico: termo que se refere ao critério da qualidade com base na utilização das tecnologias de informação e comunicação como estratégia de adequação da educação escolar à sociedade da informação.

<sup>3</sup>Webinars é um neologismo derivado de duas palavras do idioma inglês, *web* e *seminar*, em tradução livre, seminários digitais, ou seminários pela internet. Live refere-se a eventos normalmente, realizados ao vivo, especialmente em redes sociais como o Youtube, Facebook, Twitter, LinkedIn e Instagram



A partir dessas redes solidárias de aprendizagem, alimentadas com estratégias diversas, tais como rodas de conversa, palestras, debates, conferências, se assistiu materializar um projeto educativo freiriano. Por intermédio das trocas dialógicas foram acomodadas tantas dúvidas e inquietações, simultaneamente foram colocados professores, conjuntamente com seus pares, no seu coletivo, para o compartilhamento das ações educativas erguidas em meio a metodologias críticas. Nessas redes virtuais, as quais foram tensionadas as contradições, mas também anunciaram inúmeras possibilidades para o presente e o futuro da educação básica.

## **CONSIDERAÇÕES: O NOVO NORMAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: CONTINUAÇÃO OU INSURGÊNCIAS?**

“[...] Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo”. Paulo Freire

Ao final do inconcluso artigo, na condição de seres que necessitam de aprendizagem, que aprendem no exercício na docência como dodiscência. Nas acepções freirianas, a práxis do professor se consubstancia na experiência e na pesquisa. É fato que a formação contínua deve ser propiciada pela instância contratante, todavia contempla a autoformação. Nessa contextualização, professor ao formar, se forma; ao instigar, é instigado; ao aprender, ensina.

A docência passa a conviver ativamente, ou passivamente, com o alerta que fez o sociólogo Boaventura de Sousa Santos, ao esmiuçar as ausências dos países do sul epistemológico. Nesse grupo de países, a pandemia se situa num contexto previamente existente, num cenário de permanente crise imposto pelas medidas neoliberais desta fase atual e mais desumana do capitalismo “[...] a crise financeira permanente é utilizada para explicar os cortes nas políticas sociais (saúde, educação, previdência social ou degradação dos salários)” (SANTOS, 2020).

Assolados pela ditadura dos DES – desgoverno, descaso, desumanidade, desrespeito, descabido, desproporcional, desigualdade, desserviço –, entretanto subvertendo a lógica das medidas conservadoras, professores reagiram, se posicionaram, formaram coletivos e discutiram condições profícuas para a acomodação do ensino remoto, na intencionalidade de potencializar práticas pedagógicas efetivadas por intermédio dos aparatos midiáticos digitais.

Com relação ao aumento das atividades ancoradas pelas tecnologias digitais, é fato que se torna necessária conexão com a internet de boa qualidade e recursos midiáticos com capacidade para comportar aplicativos, plataformas, programas e outros. Impondo exigências novas na tratativa



com os recursos tecnológicos, caberia até a fluência digital que favorecesse o capital intelectual do professor e consequentemente dos educandos. Não menosprezando a importância das bases materiais, ou seja, dos recursos digitais para sobrevivência nos contextos sócio culturais hodiernos.

Quanto às demandas formativas, que essas contemplassem o letramento e os multiletramentos em aportes teóricos críticos freirianos de tal maneira que reposicionasse a didática, favorecendo a criação de ações educativas erguidas com formadores e contemplassem, também, as vozes dos educandos.

É fato que a escola que se deseja para o “novo normal” não será aquela que carregava tantos problemas ainda não solucionados na sua totalidade, oriundos da democratização do ensino. Defende-se um fazer docente que utilize o diálogo permanente como categoria fundante no processo de ensino e aprendizagem. Que propicie aos atores escolares a geração de formas novas de reconstruir o cotidiano professoral, avançando nas dificuldades enfrentadas de maneira crítica e inédita, forjando uma educação que saiba conviver com as dinâmicas midiáticas e digitais, e, por meio do aproveitamento dos impactos decorrentes do ensino remoto romper com a lógicas da educação escolar nas bases tradicionais e alienantes.

A docência consiste do ato de ensinar e aprender e suas imbricações são constituídas de forma contínua e dialeticamente. Por isso, cabe ao professor, por meio de seu conhecimento técnico especializado, lançar-se à dimensão humana de sua ação docente e incorporar o mundo e subjetividades obtidas do corpo discente. Que essas dinâmicas de permanente construção do conhecimento possam retroalimentar sua curiosidade epistemológica para acomodar a cultura escolar pós-pandemia num viés crítico, rompendo com as formas hegemônicas nos processos de ensino e aprendizagem.

Em tempos difíceis, que se priorize conjugar a esperança – do verbo esperar de acordo com Freire (1992) – que se possa saborear no cotidiano escolar, práticas de ensinar e aprender a ser mais. Logo, professor que reconhece que antes de ensinar, aprendeu, é conhecedor de sua essência, aprendiz!

Face às mudanças inevitáveis e necessárias, que o retorno ao presencial permita a reinvenção de práticas e saberes com a centralidade no educando; que comportem parcerias colaborativas, produção de novos conhecimentos, denunciar as formas violentas; promover discussão e pesquisa para conhecer e apreciar as formas inclusivas; que o reencontro na escola amplie as discussões em torno das diversidade cultural e suas formas de expressões; que se trate dos sentimentos, das perdas, das distâncias, das ausências e que se ensine o apreço e respeito pela diversidade social, cultural, racial, de gênero e possibilite a convivência com TODOS na nossa



sociedade plural, vulnerável e desigual. Que seja possível desenhar sequências didáticas que incorporem as vozes dos discentes e questões do seu mundo, valorizando a importância da raça humana, com vistas a promover uma educação que ambicione a emancipação dos atores escolares.

## REFERÊNCIAS

BRUNO, Adriana Rocha; PESCE, Lucila; HOFFMANN, Adriana. **Educação e tecnologia em tempos de pandemia: Programa Ria 40tena e a descolonização do mundo da vida**. Dossiê: Educação e tecnologias no contexto da pandemia pelo coronavírus e isolamento social: cenários, impactos e perspectivas. Revista Cocar (PPGED-UEPA), 05/03/2021. Vol. 9. P. 1-21. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4122>. Acesso em: 10/06/2021.

CAMPOS, Flávio Rodrigues. **Paulo Freire e Seymour Papert: educação, tecnologias e análise do discurso**. Curitiba: CRV, 2013.

DIAS, Maria José da Silva. **Linguagens hipermidiáticas e formação continuada de professores de Ciências Humanas**: estudo das ações de formação docente em uma diretoria estadual de ensino da Região Metropolitana de São Paulo. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação. São Paulo: UNIFESP, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. A máquina está a serviço de quem? In: **Revista BITS**, p. 6, maio de 1984.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.



GUIMARÃES, Sérgio; FREIRE, P. **Educar com a mídia [recurso eletrônico]: novos diálogos sobre educação.** 1. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

LAVINAS, Lena; VEIGA, Alinne. **Desafios do modelo brasileiro de inclusão digital pela escola.** Cadernos de Pesquisa. Maio de 2013. Vol. 43, n. 149. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v43n149/09.pdf>. Acesso em: 10/06/2021.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da inteligência – O Futuro do pensamento na era da Informática.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

RIBEIRO, Márden de Pádua. **Por uma Pedagogia Crítica.** Ensino em Revista. Uberlândia, MG. v.23, n.2 p.522-547. Jul-dez./2016. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/ER-v23n2a2016-10>. Acesso em: 10/06/2021.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos.** São Paulo: Parábola, 2015

SANTOS, Boaventura de Sousa. 2020. **A cruel pedagogia do vírus (Pandemia Capital).** São Paulo: Boitempo

SAVIANI, Demerval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na pandemia: a falácia do "ensino" remoto. **Revista Universidade e Sociedade.** ANDES. ano XXI. n. 67. Pandemia da COVID-19: trabalho e saúde docente. Janeiro de 2021. P. 36-49. Disponível em: [https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada\\_1609774477.pdf](https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf) Acesso em: 10/06/2021.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.